

nos «ingênuos», como ele diz, e tanto mais ainda que a apresentação desta tradução foi precedida de quatro anos de cursos sobre este mesmo tema nas conferências/seminário da École Pratique des Hautes Études (Sorbonne).

José Augusto Ramos

JEAN VERCOUTTER, *A la Recherche de l'Égypte Oubliée*, Col. Découvertes Gallimard, Archéologie, Éd. Gallimard, Paris, 1986, 224 pp.
ISBN 2-07-053028-0

Do eminente e experiente Jean Vercoutter não se esperaria outra coisa: uma obra bem idealizada e melhor conseguida, com excelente texto e um manancial de belas ilustrações, colocada ao dispor de um vasto público desejoso de conhecer o legado da civilização faraônica e, além disso (porque uma viagem ao Egito não estará ao alcance de todos), ansioso por percorrer mentalmente o vale do Nilo onde tal civilização frutificou.

Não sendo, objectivamente, destinada a especialistas na matéria (mas até estes poderão tirar algum proveito da sua consulta), a obra do egiptólogo de Lille dá a conhecer, em agradável leitura, os grandes momentos das descobertas arqueológicas no Egito e os nomes que ficaram para sempre ligados aos mais espectaculares achados: Mariette, Maspero, Carter, Montet...

O primeiro capítulo apresenta-nos «La disparition de l'Égypte des Pharaons» (pp. 13-17), evocando os deploráveis acontecimentos que foram a destruição da biblioteca de Alexandria (consta que lá se encontravam setecentos mil volumes) e do templo de Serápis na mesma cidade, perdendo-se em qualquer dos edifícios preciosos textos que poderiam esclarecer as lacunas que hoje subsistem acerca da história do Egito faraónico. Felizmente que outras fontes continuaram disponíveis, sendo a Bíblia uma delas, como o Autor bem menciona.

O capítulo II («Les voyageurs de l'Antiquité», pp. 19-27) recorda a jornada e os textos de Heródoto, «o viajante por excelência», seguido depois por Diodoro da Sicília, Estrabão (muito interessado pelo culto dos animais) e Plutarco (que nos legou a sua versão do mito de Osiris e Ísis, inspirado pelo texto de Manetor, então conservado numa cópia ptolemaica). Também os imperadores romanos Adriano e Sétimo Severo se incluem na lista dos ilustres viajantes do país do Nilo, antecidos pelo aristocrata Germânico, membro da família imperial na época de Tibério (século I da nossa era).

«Croisés, moines et curieux au fil du Nil» é o tema do terceiro capítulo (pp. 29-51), recordando uma época durante a qual o Egipto muçulmano se fechou praticamente ao Ocidente cristão. É verdade que no tempo das Cruzadas surgiram alguns textos que levantavam um pouco o manto islâmico que cobria a histórica região, mas em todo o caso os escassos viajantes não passavam para o sul do Cairo. Daí que «aucun des récits du 1^{er} siècle ne sont comparables à ceux des Anciennes» — é que na altura já ninguém sabia ler os textos hieroglíficos. Até princípios do século XIX vão-se sucedendo visitantes mais ou menos ilustres (o dominicano Vansleb, Jean de Thevenot, Benoît de Maillet, Claude Sicard, Savary, Volney), com especial relevo para o general Bonaparte conduzindo o seu exército e os seus sábios.

Com o capítulo IV são-nos apresentados «Aventuriers et voleurs» (pp. 53-85). A expedição de Bonaparte iria trazer como resultado mais fecundo a publicação de duas obras notáveis: a *Voyage dans la Basse et la Haute Egypte*, de Vivant Denon, e a *Description de l'Égypte*. E foi então que o Egipto se tornou, pode dizer-se, moda, prestando-se o ambiente à emergência da egiptomania e, muito mais importante, da egiptologia: «De 1802 à 1830, une dizaine de voyageurs de grand valeur, français, allemands, anglais, suisses, viennent voir sur place les merveilles révélées par le *Voyage* et la *Description*». O autor evoca seguidamente a actuação de cônsules europeus e dos seus activos homens empenhados na obtenção de antiguidades (O colossal Belzoni foi um deles), utilizando por vezes processos mais próximos da rapina e do saque que da prospecção meticulosa. Nos tempos da arqueologia heroica e desordenada era natural que assim sucedesse.

E eis que se inicia «L'Ère des savants» (capítulo V, pp. 87-99), com o esperado destaque conferido a Jean-François Champollion, que se soube antecipar aos esforços de vários concorrentes (o inglês Thomas Young, o sueco Akerblad e o francês Sylvestre de Sacy). Grandes nomes ligados à fase pós-champolliónica são os de Karl Lepsius, fundador da egiptologia alemã e Wilkinson, que pode ser considerado como o fundador da egiptologia inglesa. A eles se junta o francês Prisse d'Avennes, que enviou para o seu país uma série de antiguidades egípcias.

Depois de vários decénios de saque desenfreado, de destruição de monumentos, de desprezo pelo registo meticuloso dos achados, chegam «Les archéologues au secours de l'Égypte» (capítulo VI, pp. 101-111). Entre estes sublinha-se a meritória actividade de Auguste Mariette, que acabaria por morrer no Egipto ocupando o alto cargo de director do Serviço de Antiguidades (*mamur*), Gaston Maspero,

seu sucessor no cargo, o alemão Brugsch, para depois, no capítulo seguinte, se evocarem os trabalhos de Howard Carter no Vale dos Reis (túmulo de Tutankhamon) e de Pierre Montet em Iani (túmulos de faraós da XXI e XXII dinastias), já na primeira metade do nosso século («L'Égypte retrouvée», pp. 113-127). E se as descobertas dos túmulos de Tutankhamon e de Psusennes tiveram a projecção internacional que se conhece, a verdade é que praticamente todos os anos foram sendo trazidos à luz do dia novos achados, muitos dos quais ficam apenas no conhecimento das equipas de trabalho, dos estudiosos e dos leitores de revistas especializadas de temática egiptológica. Em bom ritmo, ainda hoje as descobertas prosseguem, explorando-se metodicamente os sítios arqueológicos existentes não apenas no Egipto mas na Núbia: desta forma «les philologues, les épigraphistes, les historiens peuvent se pencher sur les documents mis au jour» — é que «l'égyptologie a dépassé le stade de l'enfance, elle entre dans sa maturité» (P. 127).

Segue-se um núcleo de apêndices («Témoignages et documents», pp. 129-213), contendo extractos de textos de Jean Tulard sobre a campanha bonapártica no Egipto, de Chateaubriand (*Itinéraire de Paris à Jérusalem*), Flaubert (*Voyage en Orient*), Maxime Du Camp (*Souvenirs littéraires*), Fromentin (*Voyage en Égypte*), Marc Twain (*Le Voyage des Innocents*), Pierre Loti (*La mort de Philae*), Mariette (*Le Serapeum de Memphis*) e, para além destes sonantes nomes de viajantes do Oriente, os textos de modernos egiptólogos como Claude Traunecker e Jean-Claude Golvin (acerca dos trabalhos de restauro no templo de Karnak) e do próprio Jean Vercoutter sobre o salvamento de Abu Simbel, entre outros. Este núcleo final documental inclui ainda referências a bandas desenhadas onde o Egipto é o tema (Asterix, Tintín...), ao transporte dos obeliscos egípcios para a Europa, à inauguração do canal de Suez, ao tratamento radical que teve a múmia de Ramsés II atacada por fungos, às renovadas (e, até hoje, sempre inconclusivas) tentativas para «descobrir» o «segredo» da Grande Pirâmide, às principais obras de arte da colecção egípcia do Museu do Louvre, etc.

A obra vai rematar-se com as grandes divisões cronológicas da história do Egipto (pp. 214-216), com um índice das ilustrações (pp. 217-220) e um índice remissivo (pp. 221-222).

Como no início havíamos dito, este bonito volume das Ed. Gallimard é valorizado pela excelente selecção de imagens que profusamente acompanha o texto: algumas das ilustrações pertencem a obras clássicas dos primórdios da egiptologia, como a *Description d'Égypte*, os *Denkmäler aus Aegypten und Aethiopen* de Lepsius, *Egypt and Nubia*

de David Roberts, entre outros. A boa impressão que a obra deixa não se tolda pelo aparecimento de diminutas anomalias, como é o caso da alusão, numa legenda, ao faraó Seti I quando o monarca representado na imagem é Ramsés II, como se poderá concluir pelos nomes encartelados (p. 92); a referência ao nome divino de Khourou em vez de Khonsou (em português: Khonsu) quando se menciona o templo desta divindade lunar em Karnak (p. 210); o nome de Hórus Kaa, da I dinastia, reduzido para Ka (p. 214) e o nome do faraó Amenemhat, da XII dinastia, erradamente escrito Amenhemat (p. 214) naturalmente por falha dos serviços de revisão. Mais desagradável é depararmo-nos, na evocação da arqueologia egípcia, com a inexplicável ausência do conhecido egiptólogo inglês Flinders Petrie, que veio introduzir na pesquisa arqueológica novos métodos de prospecção e de registo dos achados e que ombreia com os seus contemporâneos Maspero (justamente mencionado), Erman e Reisner (também omitido).

Luís Manuel de Araújo

CHRISTINE EL-MAHDY, *Momies: Mythe et Magie*, Col. Archives du Temps, Ed. Casterman, Paris, 1990, 192 pp. ISBN 2-203-23303-8

O terceiro volume da colecção «Archives du Temps», dirigida por Martine Prosper e Henri de Saint-Blanquat, oferece-nos um tema que, sobressaindo de entre os variados e múltiplos aspectos da milenar civilização egípcia, tem merecido atenção generalizada. É uma atenção que se detecta entre os egiptólogos (para um estudo científico e aturado dos despojos humanos de seres que há muitos séculos viveram nas margens úberes e verdejantes do Nilo) e entre um vasto e diversificado público, especializado ou não, estudioso ou não, atraído pela curiosidade e também, não poucas vezes, atraído pelo lado mórbido e «misterioso» de tudo o que se liga às práticas da mumificação e embalsamamento.

O interesse que tal tema reconhecidamente desperta ficou desde logo comprovado pela iniciativa da editora Casterman que, um ano depois da saída da versão original britânica (a cargo da Thames and Hudson), encarregou Christine Monnate e Marie Chemorin da sua tradução e adaptação para língua francesa. E foi esta versão em francês que com notório agrado pudemos apreciar, aqui se sublinhando desde já as vantagens que da sua leitura podem tirar todos os que desejarem saber algo mais sobre tão aliciante temática, beneficiando de um texto